



# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

---

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL  
E MODERNO EM PORTUGAL

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**74-75**

Ano de Edição

**2025**

Ano Associativo AAP

**2022-2023**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e César Neves**

Design gráfico

**Paulo Freitas**

Fotografia da capa

**Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**250 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

- 5 Editorial  
José Morais Arnaud

## **SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM**

- 9 Apresentação  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)  
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo  
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia  
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca  
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos  
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa  
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul  
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001  
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja  
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura  
Santiago Macias
- 99 Memórias  
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana  
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas  
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa  
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia  
Manuela de Deus

## **SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL**

- 125 Colóquio – “Silos, matamorras e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo  
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval  
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa  
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa  
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto  
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura  
Vanessa Gaspar

## **ARTIGOS**

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?  
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios  
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica  
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*  
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)  
Carlos Boavida

## **RELATÓRIOS**

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022  
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023  
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022  
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023  
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# LEMBRANDO A SUSANA

---

Eduardo Pires de Oliveira

ARTIS/Instituto de História de Arte / Faculdade de Letras / Universidade de Lisboa / epoeduardo@gmail.com

No ano de 1974, Braga, a velha cidade romana sobre que um dia Jorge Alarcão disse ser a povoação portuguesa mais excitante para se fazerem escavações arqueológicas<sup>1</sup>, estava em gravíssimo risco de ver as zonas de Bracara Augusta que ainda continuavam ocupadas por quintais e terrenos agrícolas serem transformadas em urbanizações massivas de casas unifamiliares ou propriedade horizontal. Nada do que se descobria (descobriria) em escavações arqueológicas ou em achados fortuitos, ficava preservado para a posteridade! Nada!

Apenas dois exemplos: as escavações levadas a cabo em 1968 e 1969 na rua Pero Magalhães Gândavo, em que se tinha posto a descoberto um peristilo de uma casa que conservava colunas em granito que estavam ainda *in situ*, um belíssimo poço com vários metros de profundidade e várias outras estruturas, rapidamente foram transformadas em mais uma característica vivenda mandada fazer por um abastado emigrante recentemente voltado de um país da América do Sul. E o mesmo se pode dizer de – alguns metros acima, na hoje denominada rua Damião de Góis –, um longo muro que era formado por blocos de granito bem aparelhados que estavam alternados com fiadas

de tijolo, algo sem paralelo em Bracara Augusta, nem em escavações passadas nem em outras posteriores.

Com o 25 de Abril a esperança surgiu entre os amantes do passado arqueológico da cidade. As novas liberdades permitiram pensar que os vestígios romanos poderiam não se circunscrever à Fonte do Ídolo ou a umas tantas peças recolhidas no Museu D. Diogo de Sousa, museu que, aliás, estava fechado há dezenas de anos. A verdade é que quase se podia dizer que Bracara Augusta era uma miragem, era algo que apenas existia nos livros...

Em 1976, um grupo de cidadãos<sup>2</sup>, à frente dos quais se encontrava Henrique Barreto Nunes, decidiu lutar contra esta situação aproveitando os novos ventos trazidos por uma inesperada, mas muito bem-vinda liberdade. Por sua intercessão, Jorge Alarcão veio a Braga nas férias de Páscoa de 1975. Trouxe com ele um grupo de alunos. As escavações realizadas no topo da colina da Cidade, no ponto mais alto do que tinha sido a cidade romana – numa zona que, deve dizer-se, já estava com umas tantas ruas traçadas

---

<sup>1</sup> ALARCÃO, Jorge – On the westernmost road of the Roman empire. *Il. Archeology*, New York, 23 (1), 1970, p. 44-48, il.

<sup>2</sup> Há alguma literatura sobre estes momentos. Veja-se, por exemplo, OLIVEIRA, Eduardo Pires: NUNES, Henrique Barreto – Uma associação de defesa do património: ASPA, 37 anos ao serviço de Braga e do Minho. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto, vol. 12, 2014, p. 89-103.

e alcatroadas, mas que ainda não tinham sido “alindadas” por qualquer tipo de construção – essas escavações, dizia, embora muito breves tiveram resultados espectaculares, de tal forma que Jorge Alarcão redigiu um relatório em que defendeu, de uma forma extremamente clara, a necessidade de serem tomadas resoluções urgentíssimas para se poder atalhar a iminente destruição dessa parcela de Bracara Augusta. Deve dizer-se que embora essa área seja muito pequena, nessas sondagens e em campanhas posteriores foram ali descobertas umas termas públicas, o teatro romano, canalizações, casas, etc.

Com este relatório foi fácil interessar a recém-formada Universidade do Minho e o próprio Estado Português. O que era antes terreno urbanizável foi transformado em zona de protecção arqueológica, que legislação entretanto criada ajudou a dar sentido, a proteger.

Paralelamente, com algumas verbas que também foram disponibilizadas, foi criada uma estrutura, enquadrada na Universidade, que tomou conta dos trabalhos de limpeza e escavações que rapidamente se transformaram numa estrutura muitíssimo mais ampla, de salvaguarda de todos os vestígios romanos da cidade, inclusive os que fossem descobertos em trabalhos ocasionais, na abertura de valas no meio das ruas, em fundações de casas, etc. Essa estrutura foi o Campo Arqueológico de Braga<sup>3</sup>.

Embora tivéssemos participado muito activamente de todos estes momentos, não conseguimos dizer hoje quantos “miúdos e miúdas” foram atraídos para trabalhar nas escavações que corriam ininterruptamente, algo sem paralelo em Portugal. Pode mesmo dizer-se que naqueles anos de 1977 e nos que se seguiram, trabalhar nas escavações arqueológicas “de Maximinos” era a actividade mais apetecida para os rapazes e as raparigas bracarenses que frequentavam os últimos anos dos liceus da cidade. Embora o trabalho a fazer fosse muito, braços para trabalhar era o que mais havia.

Se os jovens bracarenses se interessaram, o mesmo se pode dizer de muitos alunos do curso de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que muito rapidamente perceberam que esta poderia ser uma excelente oportunidade para porem em prática as noções de introdução à arqueologia que iam teoricamente aprendendo. Foram também muitos os jovens universitários que demandaram a Braga, uns pela aventura, outros para aprender.

<sup>3</sup> ALARCÃO – Campo Arqueológico de Braga. *Humanitas*, Coimbra, 27-28, 1975-1976, p. 272-274.

Uma dessas miúdas foi a Susana Correia. A sua simplicidade, a sua enorme facilidade de relação com todos, logo fez com que muitos a tivessem passado a tratar por Susaninha. Era de tal forma querida que no acampamento de tendas em que se tinha transformado uma boa parte dos terrenos mais devolutos das tra-seiras do Palácio dos Biscainhos – cuja enorme cozinha se tinha tornado na sede do Campo Arqueológico de Braga – a Susana passou a ter um tratamento especial, sobretudo por parte dos rapazes: os que se levantavam mais cedo tinham o cuidado de colocar algumas migalhas de pão à volta da tenda que ela ocupava, porque acreditavam que os pássaros, ao ver esta merenda, iriam chilrear de alegria e, assim, a Susana seria acordada por uma melodia muito agradável!

Rapidamente nos tornamos amigos, rapidamente se tornou como que, minha “secretária”. Vendo que eu tinha uma série de coisas em que me desdobrar, ofereceu-se para me ajudar. Não tinha qualquer problema em fazer qualquer trabalho, fosse participar em escavações, fossem outras ocupações não tão excitantes como, por exemplo, organizar cadernos de campo.

Quando um dia foi aceite a minha proposta para se fazer uma campanha de trabalhos no denominado *Castro Maximum* – a ideia era tentar perceber que tipo de ligação poderia ter havido entre este povoado situado a cerca de apenas um quilómetro da cidade romana, povoado que deixara de existir a partir da criação de Bracara Augusta, que integrou os seus habitantes – a Susana perguntou-me, sem quaisquer rodeios, se poderia ser o meu braço direito. Perguntando-lhe porquê, ela disse-me que era para aprender. Que gostava muito de trabalhar nas ruínas da cidade romana, mas esta seria uma actividade nova para ela, pois iria ter trabalhos muito variados e em um período histórico que seria totalmente novo para ela. E que por essa razão estava muito curiosa e muito interessada.

E a verdade é que estava tão interessada que foi com a maior das boas vontades que me ajudou a preparar tudo, fosse no recolher das pás, das picas, das colheres, dos sacos plásticos, dos cadernos, etc., etc. fosse, já no terreno, na preparação do estaleiro e na marcação das zonas onde iríamos intervir.

Lembro-me muito particularmente da forma como se aplicou nos trabalhos iniciais de triangulação necessários à marcação dos locais onde iríamos fazer as sondagens. Para ela esses trabalhos mecânicos eram tão importantes quanto os de fazer as escavações. Tudo ela via com muita atenção, com uma enorme seriedade, sempre, sempre com o intuito de aprender mais e mais e mais. Um dia chegou-me mesmo a dizer que

aprendia mais ali em uma manhã ou em uma tarde de trabalho do que na Faculdade em um mês de aulas. O facto de estarmos a fazer uma intervenção em dois pontos bastante diferentes do povoado e usando técnicas muito distintas nos dois locais (uma intervenção com métodos tradicionais em um dos locais e no outro seguindo a prática alemã) ainda mais a seduziu. Mil foram as perguntas que me fez, imensas foram as notas que deixou escritas nos cadernos de campo.


A escavação no *Castro Maximum* não foi longa, apenas duas semanas. Logo voltamos aos trabalhos na cidade romana. Foi, então, o tempo, de uma aprendizagem diferente, de entregar todos os materiais que se tinham levado, de organizar os materiais que iriam ser lavados e marcados e, mais importante ainda, tratar de fazer os relatórios. Foi um tempo em que falamos imenso, mais eu do que ela, pois ela ouvia, ouvia; nunca tinha feito um relatório de uma escavação! A verdade é que ela tinha uma sede imensa de aprender. E também é verdade que os relatórios ficaram bem feitos.

E de tal forma ela foi o meu braço direito que aceitei dar-lhe a mão, quer a ela, quer ao João, seu namorado e que viria a interessar-se também pelo estudo do *Castro Maximum*. De tal forma que o resultado desta escavação e de outros trabalhos então feitos sobre este povoado, viria a ser assinado pelos três<sup>4</sup>.

Braga, maio de 2022

---

<sup>4</sup> O *Castrum Maximum (Monte Castro)*. Braga. *Arqueologia e História*. In: Actas do I Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular. Guimarães, 1980, vol. 2, pp. 37-54.



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2025

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)